

VIDA, MORTE E O SUICÍDIO – PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA E PARADOXAL

VIDA, MUERTE Y SUICIDIO: UNA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA Y PARADOJAL

Ernane Ferreira Maciel

Universidad Internacional Iberoamericana

(maciernane@gmail.com) (<https://orcid.org/0009-0009-0765-9338>)

Maria Elena Darahuge

Universidad Internacional Iberoamericana (Argentina)

(maria.darahuge@unini.edu.mx) (<https://orcid.org/0000-0001-9825-3038>)

Información del manuscrito:

Recibido/Received: 10/09/24

Revisado/Reviewed: 20/10/24

Aceptado/Accepted: 07/05/25

RESUMO

Palavras chave:

Tentativa de suicidio, sentido existencial, factores socioculturais, fenomenología, psicología.

O presente artigo trata da temática do suicídio pela perspectiva do significado da vida e da morte. O objetivo é refletir sobre a tentativa contra a própria vida com base nos paradigmas teórico-práticos da fenomenologia e concepções da psicanálise, filosofia e sociologia, como estratégia metodológica de compreender esse fenômeno. Segue, portanto, um desenho embasado na revisão integrativa, em que se busca na literatura, tanto os factores e concepções que convergem como divergem ao que pode levar uma pessoa a esse ato. As pesquisas realizadas abordam os componentes socioculturais, psicológicos e existenciais, que oportunizam a compreensão. Reconhece-se que a tentativa e a consumação geram transtornos e sofrimentos a essas pessoas, à família e à sociedade, o que justifica a necessidade de novos estudos. É um problema complexo e multifactorial de cunho psicológico, existencial, sociocultural e político no que concerne à saúde mental e pública. Busca-se resultados de que em tal ato existem elementos de análise que vão ao encontro de potencialidades e significativos factores psicológicos, existenciais e sociais. Propõe-se focalizar o aspecto paradoxal do ato contra a própria vida baseado na

compreensão ampliada do fenômeno. Espera-se concluir que no próprio ato concentram-se elementos vitais e potentes que podem, fundamentalmente, serem reconstituintes do sentido de viver para essas pessoas.

VIDA, MUERTE Y SUICIDIO - PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA E PARADÓJICA

RESUMEN

Palabras clave:

Intento de suicidio, sentido existencial, factores socioculturales, fenomenología, psicología.

Este artículo aborda el tema del suicidio desde la perspectiva del significado de la vida y la muerte. El objetivo es reflexionar sobre el intento contra la propia vida basado en los paradigmas teórico-prácticos de la fenomenología y las concepciones del psicoanálisis, la filosofía y la sociología, como estrategia metodológica para comprender este fenómeno. Por lo tanto, sigue un diseño basado en la revisión integradora, buscando en la literatura tanto factores y concepciones convergentes como divergentes que puedan llevar a una persona a este acto. Las investigaciones realizadas abordan componentes socioculturales, psicológicos y existenciales que permiten la comprensión. Se reconoce que tanto los intentos como las consumaciones generan trastornos y sufrimiento para estos individuos, sus familias y la sociedad, justificando la necesidad de más estudios. Es un problema complejo y multifactorial de naturaleza psicológica, existencial, sociocultural y política en lo que respecta a la salud mental y pública. Se buscan resultados que muestren que en tal acto hay elementos de análisis que convergen con potenciales y significativos factores psicológicos, existenciales y sociales. Se propone centrarse en el aspecto paradójico del acto contra la propia vida basado en una comprensión ampliada del fenómeno. Se espera concluir que dentro del propio acto hay elementos vitales y potentes que pueden reconstruir fundamentalmente el sentido de vivir para estos individuos.

LIFE, DEATH AND SUICIDE - FENOMENOLOGICAL AND PARADOXICAL PERSPECTIVE

ABSTRACT

Keywords:

Suicide attempt. Existential sense. Sociocultural factors. Phenomenology. Psychology.

This article addresses the theme of suicide from the perspective of the meaning of life and death. The objective is to reflect on the attempt against one's own life based on the theoretical-practical paradigms of phenomenology and conceptions of psychoanalysis, philosophy, and sociology, as a methodological strategy to understand this phenomenon. Therefore, it follows a design based on integrative review, seeking in the literature both converging and diverging factors and conceptions that may lead a person to this act. The conducted researches address sociocultural, psychological, and existential components that enable understanding. It is acknowledged that both attempts and consummations generate disorders and suffering for these individuals, their families, and society, justifying the need for further studies. It is a complex and multifactorial problem of

psychological, existential, sociocultural, and political nature regarding mental and public health. Results are sought to show that in such an act there are elements of analysis that converge with potential and significant psychological, existential, and social factors. It is proposed to focus on the paradoxical aspect of the act against one's own life based on an expanded understanding of the phenomenon. It is expected to conclude that within the act itself, there are vital and potent elements that can fundamentally reconstruct the sense of living for these individuals.

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir sobre o fenômeno suicida. Espera-se ampliar a compreensão de modo que subsidie as abordagens no campo da saúde mental e pública, como forma de prevenção e de poder dar resposta imediata ao sofrimento gerado a essas pessoas e às famílias. Esse fenômeno envolve os diversos contextos e fatores implicados, como social, político, educacional, psicológico e existencial, que interagem e influenciam o ato. Percebe-se, nesse cenário, o enfoque deste fenômeno na perspectiva prioritária do sofrimento, inclusive por julgamento, normalização e disciplinarização. Este estudo, portanto, procura desestigmatizar o ato somente por determinantes isolados, como sofrimento psíquico, fatores externos ao indivíduo ou por não ter saída para conflitos. Por esse viés, inova-se por buscar elementos psicológicos e existenciais potentes que possibilitam novos significados em viver. Para tanto, recorre-se à perspectiva sob o olhar paradoxal embasado nas concepções fenomenológico-existenciais. O paradoxo se evidencia pela constatação de que no ato em que está implícito o desejo de morrer está, também, o de querer viver. A reflexão ontológica e paradoxal, portanto, tem na tentativa contra a própria vida a possibilidade de encontro com o próprio sentido de existir.

A bibliografia sobre o fenômeno suicida é consistente e diversificada, embora quantitativamente reduzida, especialmente dos referenciais da fenomenologia. Adotam-se, assim, os fundamentos fenomenológicos de Edmund Husserl, Martin Heidegger, de autores contemporâneos, e do recorte teórico sobre mecanismos psíquicos da teoria psicanalítica, sobretudo, freudiana. As concepções originárias da filosofia dialogam essencialmente com essa temática, por referenciais de Baruch Spinoza e Jean-Paul Sartre e pelo prisma social em Émile Durkheim. Os aspectos psicopatológicos são considerados conforme Neury José Botega, e os psicológicos, como depressão, ansiedade e angústia, por pesquisadores do campo da psicologia e da psicanálise.

Conforme dados levantados do Ministério da Saúde pelo Informativo Advocacia-Geral da União (2019): “No Brasil, 11 mil tiram a própria vida por ano, fazendo do suicídio a quarta maior causa de mortes de jovens entre 15 a 29 anos.” A Portaria Nº 1876 de 14/08/2006, com base nas leis orgânicas da Constituição Federal, pela qual são instituídas diretrizes de prevenção, considera “que o fenômeno do suicídio é um grave problema de saúde pública, que afeta toda sociedade e que pode ser prevenido” (Ministério da Saúde, 2006). Consideram-se, também, os dados epidemiológicos: transtorno psíquico especialmente a depressão; repetição da tentativa; usuário de álcool e outras drogas; internos de presídios e clínicas; vítimas de violência sexual; trabalhadores rurais expostos a agentes tóxicos; portadores de doenças crônico-degenerativas e de hiv/aids; populações de etnias indígenas, entre outras (Ministério da Saúde, 2006).

O método baseia-se em conhecimentos e reflexões sobre o suicídio obtidos pela literatura científica e busca associar os motivos e fatores que podem influenciar a pessoa a cometer o ato. Gonçalves, Gonçalves e Marques (2021) explicitam os paradigmas que, por conseguinte, integram os fundamentos da literatura. Eles explicam que os conceitos da fenomenologia de Husserl e Heidegger se dão por aquilo que está na essência de um fenômeno. Em Husserl (1989) pelo conceito de “puro ver” e em Heidegger (2009) pela concepção de *Dasein* (ser-ai). Enquanto que o modelo de pesquisa qualitativa de um paradigma que advém da fenomenologia é entendido como um “método de investigação científica”. O investigador se reporta à “variação imaginativa”, uma estratégia que “permite a ele descobrir os temas estruturais extraídos das descrições textuais, produzidas durante o processo de redução fenomenológica” (Gonçalves, Gonçalves & Marques, 2021, p. 11).

Método

Conforme delineada, a metodologia se direciona para a compreensão do fenômeno

suicida oportunizada por conhecimentos de áreas diversas: fenomenologia, psicanálise, psicologia, filosofia e sociologia. Os referenciais da revisão integrativa auxiliaram na identificação de bibliografias relacionadas, oportunizando o diálogo entre os contextos da literatura e da experiência fenomenológica pelo indivíduo. Outro aspecto metodológico é de apropriar de estudos em torno da última década que apresentam consistência e profundidade, além de que, os recentes são reduzidos, especialmente de referência fenomenológica. O método de busca por literatura que conversa com a temática proposta é ancorado por enfoques abrangentes - psicológico, social, existencial, cultural, político - com o objetivo de ampliar a compreensão do suicídio.

De acordo com Gonçalves, Gonçalves e Marques (2021), o método fenomenológico, pelo qual possibilita a descrição, é esclarecido por eles por “retornar às coisas em si mesmas a fim de descobrir as estruturas essenciais do fenômeno” (Gonçalves, Gonçalves & Marques, 2021, p. 15). Eles argumentam que o diagnóstico prévio da tentativa de suicídio pode ser identificado pela descrição das estruturas essenciais da experiência vivida. O método da “redução fenomenológica” sustenta esse processo ao suspender as convicções prévias do investigador e focar nas “estruturas da essência do fenômeno”. A experiência narrada propicia o encontro de significados do sentido existencial e da imagem simbólica da morte. Desta forma, a descrição do fenômeno como ele acontece puramente na vivência fomenta a análise, bem como o resultado baseado no paradoxo entre a escolha de viver e não viver.

A discussão e a conclusão, em síntese, dar-se-ão a partir da relação entre fundamentos teóricos e os motivos, fatores e subjetividades que permeiam o fenômeno suicida. Objetiva-se encontrar na literatura elementos de análise que vão ao encontro de potencialidades e significados psicológicos e existenciais humanos. Por esse método de caráter reflexivo, propõe-se focalizar o aspecto paradoxal do ato contra a própria vida apoiado na compreensão ampliada do fenômeno. Pretende-se discutir e concluir que na tentativa de suicídio concentram-se elementos vitais e potentes que podem, fundamentalmente, serem reconstituintes do sentido de viver para essas pessoas.

Resultados

Fundamentos da Fenomenologia

Os fundamentos da fenomenologia compõem o escopo paradigmático que viabiliza a compreensão do fenômeno suicida. É relevante compreender conceitos alicerçados por ela, os quais foram inicialmente elaborados por Edmund Husserl (1859-1938). A proposição desse enfoque teórico-prático norteia, tanto a compreensão de concepções desta abordagem quanto do fenômeno em estudo, em um processo dialético. Husserl, influenciado por René Descartes no que diz respeito ao *cogito*, propõe refletir sobre a dúvida e assim produzir o conhecimento. Compreende-se que da experiência de refletir obtém-se os primeiros dados absolutos, ou seja, a aquisição do conhecimento intuitivo por intermédio da prática de cogitar, refletir ou compreender (Husserl, 1989). Esta formulação remete-se ao processo da consciência, caracterizado pela percepção daquilo que é observável e refletido no movimento de tornar-se consciente. Desta maneira, Husserl (1989) constrói a base de sua teoria: “Toda a vivência intelectual e toda a vivência em geral, ao ser levada a cabo, pode fazer-se objeto de um puro ver e captar e, neste ver, é um dado absoluto” (Husserl, 1989, p. 55). Para Husserl, este processo mental constitui-se do “dar-se absoluto e claro, a autopresentação em sentido absoluto”. Ele cria, então, o conceito de “redução fenomenológica”, cujo método é o movimento perceptivo daquilo que está em possibilidade de ser visto e elaborado pelo indivíduo. Este enfoque possibilita o diálogo entre os fundamentos da fenomenologia e a vivência do indivíduo em praticar o ato contra a própria vida.

A fenomenologia, em Heidegger (2009), desenvolve-se pela elucidação do sentido existencial humano na relação com o fenômeno morte. Segundo ele, o “fenômeno” é aquilo que se evidencia, que se revela, originando o significado de fenomenologia: “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo.” (Heidegger, 2009, p. 74). A relação que Heidegger (2009) atribui à morte é tratada pelo “fenômeno de cura”, cujo significado é o movimento de refletir sobre a própria existência e estar no mundo, isto é, a consciência do sentido de “ser” e “ser-no-mundo”. Heidegger (2009) apresenta “a consciência como apelo da cura” (Heidegger, 2009, p. 353), que significa o exercício de refletir sobre o sentido de existir. Conclui-se a ideia da “existencialidade do si-mesmo” mediante a “auto-interpretação cotidiana da presença” (Heidegger, 2009, p. 401-402). Ele destaca o fenômeno de “poder-ser-todo”, o qual implica o sentido de “fim”, ou seja, a compreensão ontológica de “ser-para-o-fim”: um conceito existencial da morte como fenômeno da vida reconhecido pelo ser da presença, ou melhor, a percepção da passagem do “ser da presença” para o “não mais ser presença” (Heidegger, 2009, p. 309-344). O diálogo das concepções de Heidegger com a proposta deste estudo se estabelece pela correlação entre a vivência do suicídio e o significado do fenômeno morte pelo indivíduo.

Peres (2017) expõe que a criação dos princípios fenomenológicos por Husserl ocorreu quando ele “desenvolve pela primeira vez em detalhes o método fenomenológico de análise das essências das vivências psíquicas” (Peres, 2017, p. 118). O interesse de Husserl, segundo Peres (2017), era “empregar o método psicológico para a elucidação de problemas epistemológicos” (Peres, 2017, p. 119-120). Husserl cria a fenomenologia por “dados obtidos pela percepção interna”, bem como “conhecimentos *a priori* sobre a subjetividade”, sendo essa cognição respaldada na ciência das essências. Ele conclui que a vivência é um evento psíquico real-factual, singular e irrepitível, embora o conteúdo objetivo possa se repetir.

Referenciadas por Husserl, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, Feijoo e Mattar (2014) explicam os três elementos para a investigação fenomenológica: a redução fenomenológica, a descrição dos vetores internos ao fenômeno e a explicitação das experiências. As autoras referem: “Husserl utilizou-se do método fenomenológico para investigar o fenômeno da consciência” (Feijoo & Mattar, 2014, p. 443), em que a intencionalidade é um processo de transcendência de si mesma. Elas elucidam sobre a descrição dos vetores internos ao fenômeno, “na medida em que o investigador acompanha a própria constituição da consciência em ato” (Feijoo & Mattar, 2014, p. 443). Esse pensamento reflete sobre a consciência de uma pessoa ao realizar o ato de provocar a própria morte.

Dutra (2011), baseada em Heidegger, interpreta as declarações de adolescentes que tentaram suicídio considerando conceitos de “ser-aí, ser-no-mundo, angústia e ser-para-a-morte”. Ela resgata a ideia da intenção de morte como a última possibilidade existencial, assim como a representação daquilo que é mais concreto que o ser humano pode contar. Pela proposição heideggeriana, a autora caracteriza a antecipação da morte pela falta de abertura de possibilidades e de construção de significados de finitude pelo indivíduo. A angústia, gerada pelo ato suicida e pelo equívoco de um caminho viável ou único, difere, entretanto, do significado de “ser-para-a-morte”. A autora sugere encarar a angústia e se situar no mundo, incluindo a vivência dela como possibilidades de “ser”, que integra, até mesmo, a morte.

Rocha, Boris e Moreira (2012), pela pesquisa realizada com pacientes em um hospital psiquiátrico, entendem que “a experiência suicida pode ser reconhecida como uma experiência mundana, uma vez que não é possível compreendê-la sem sua condição de imbricação com o mundo” (Rocha, Boris & Moreira, 2012, p. 69). Por esse ângulo, os autores apontam que “as condições culturais e socioeconômicas em torno do suicídio devem ser sistematicamente consideradas e aprofundadas para que tal fenômeno humano possa ser melhor compreendido como mundano” (Rocha, Boris & Moreira, 2012, p. 69). A compreensão parte da visão sistêmica em que família, religião, drogas, sociedade desempenham papéis que influenciam a prática

suicida.

Fukumitsu (2019) compreende que a dor e o sofrimento são marcados pela falta de clareza do significado de vida. Para ela “A pessoa com ideação suicida projeta na morte a possibilidade que não consegue em vida.” (Fukumitsu, 2019, p. 82). Defende que há no ato um pedido de ajuda e ele está relacionado ao desejo de viver e não de morrer. Fukumitsu (2018) aborda o suicídio além do enfoque individualizado ou particular, mas de amplitude social e de saúde pública. Para Fukumitsu (2014) o suicídio não se caracteriza por cristalização de um comportamento inerente, mas de um movimento singular produzido por impulso. Para ela, “O trabalho do psicoterapeuta, portanto, não deve ser o de evitar a morte, mas, de fato, o de promover a ampliação de situações nas quais o cliente possa se sentir vivo” (Fukumitsu, 2014, p. 271).

Feijoo (2019) diverge dos olhares moralizantes e rotulados do suicídio, a exemplo, da condição de pecado na Idade Média e patologia na Idade Moderna. Ela considera os fatores social, econômico, político e cultural, mas acrescenta ao que está representado no âmbito da existência humana nas singularidades e particularidades do indivíduo. A postura fenomenológica de Feijoo (2019) vai ao encontro das reflexões que buscam entender o fenômeno suicida sem a premissa patológica, mas dos sentimentos, pensamentos e atitudes que partem da autonomia e da liberdade de ser e de escolher aquilo que é significativo e agrega aos interesses da pessoa. Feijoo (2019) apresenta sua atitude terapêutica de estar diante do paciente que intenciona finalizar sua vida: “Permanecemos juntos àquele que pensa em finalizar sua vida em uma escuta atenta, de modo a que o outro possa se demorar mais na sua (in)decisão” (Feijoo, 2019, p. 171). Ela propõe uma clínica que abre espaço para se estar no fenômeno sem sofrer preconceitos, mas de estar em contato com a experiência sob a ótica da produção de uma nova relação e de estar na essência da vivência. Ela conclui que os afetos significativos, o acolhimento da procura por ajuda e estar junto do sujeito na ambivalência da decisão de viver e morrer, possibilitam a escolha por viver e a ressignificação da existência.

Além de reportar aos estudos preexistentes, busca-se, também, compreender o ato suicida por práticas terapêuticas de fenomenólogos contemporâneos. Fukumitsu (2019) o aborda pela motivação intencional, cuja mensagem existencial deste ato se dá pela representação simbólica da morte. Rehfeld (2021), com base em Heidegger, reflete sobre o sentido existencial e ontológico da vida, da morte e do “ser-no-mundo”, que se reconhece de maneira paradoxal entre o sentido da vida e da morte: “A questão do sentido da vida é dada pela consciência da nossa finitude” (Rehfeld, 2021, p. 283).

O Olhar Social

A abordagem do suicídio pelo enfoque social baseia-se no tratado do sociólogo Émile Durkheim (1858-1917), fundamentado pela ciência social, que possibilita analisar esse fenômeno entendendo-o, desse jeito, por determinações sociais. Durkheim (2019) enfatiza os aspectos sociais e caracteriza o suicídio como um sintoma social. Foi, contudo, pelo olhar para as diversas constituições de sociedades que Durkheim (2019) encontra na “natureza das próprias sociedades as causas da disposição que cada uma delas tem para o suicídio” (Durkheim, 2019, p. 383). Por considerar uma “patologia social”, de acordo com Durkheim (2019) “tudo que é mórbido pode ser evitado”, entendendo o ato suicida uma morbidade possível de tratar, porém, ao constituir-se por sintoma social, logo, é tratar a sociedade que, por outro lado, não há tecnologia que trate.

Percebe-se na conclusão do estudo de Durkheim o ataque às constituições de sociedades - política, educacional, religiosa, familiar e trabalhadora - as quais seguem na direção oposta a “uma força moral capaz de constituir a lei para os homens; mas ainda assim é preciso que ela esteja suficientemente envolvida com as coisas deste mundo para poder estimar seu verdadeiro

valor” (Durkheim, 2019, p. 502). A resolubilidade fica no imaginário teórico e filosófico, isto é, pela constatação do desenvolvimento histórico da humanidade, que não permite uma reforma da sociedade e que, segundo o sociólogo, deveria ser feita pela descentralização dos seus “centros de forças”, que operam na lógica engessada e muitas vezes perversa. O resgate ou enfrentamento, segundo Durkheim, não é restaurar a sociedade já desgastada e superada, mas buscar o que ele denominou “germes de vida nova”, que tanto está em algum lugar da história, quanto é o processo a ser desenvolvido. Se pode-se entender que germes contaminam, então, que germes são esses da sociedade que devem contaminar a própria sociedade? Que sentidos existenciais e sociais reais de vida precisam se alastrar?

Embasados em Durkheim, Ribeiro e Moreira (2018) compreendem o fenômeno suicida de jovens brasileiros pela ótica social. Os autores resgatam conceitos desde a Grécia antiga em que se conota o princípio “que esvazia a individualidade como causa”. Eles defendem que cada sociedade tem “uma disposição definida para o suicídio” e acrescentam: “o suicídio é fruto da pressão ordenadora que a coesão social exerce sobre os indivíduos” (Ribeiro & Moreira, 2018, p. 2822), enquanto que os aspectos individuais cabem à saúde mental pública por se tratar de transtorno psicológico. Os autores defendem a tese de que “há um estoque regular de suicídios em cada sociedade e existem regularidades que podem ser identificadas de modo a determinar as causas sociais” (Ribeiro & Moreira, 2018, p. 2822).

A visão psicossocial e ambiental para o suicídio, tentativa e ideação, é apresentada por Minayo, Figueiredo e Mangas (2019) por uma pesquisa realizada em instituições de longa permanência de idosos. Elas apontam para os determinantes psicossociais produtores dos problemas correlacionados. Baseiam-se em Durkheim sobre a “constituição moral da sociedade”, a qual determina os atos contra a própria vida, inclusive por uma “força coletiva” e específica advinda de cada população. Referem-se também aos conflitos familiares, uso de drogas, transtornos psíquicos como a depressão e ansiedade, doenças, condições ambientais desfavoráveis, entre outros, que influenciam e determinam o desejo de morrer e resolver esses problemas. Com foco nos fatores de proteção destacam-se a religiosidade, satisfação com a vida e otimismo, autonomia, relacionamentos e comunicação saudáveis e os de tratamento farmacológico.

Pressupostos da Filosofia

A filosofia de Baruch Spinoza debate com a temática do suicídio por meio da ideia do ser livre e autônomo, que tem por base a definição de Deus como “substância que consiste de infinitos atributos” (Spinoza, 2017, p. 13). Segundo o filósofo, o atributo é “aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência” (Spinoza, 2017, p. 13). Ainda por essa formulação spinoziana, a substância pela qual ele se reporta é “aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado” (Spinoza, 2017, p. 13). Esta elaboração trata da autonomia e liberdade de pensamento, que contribui para compreender o ato que uma pessoa produz para dar fim à sua vida. A noção de afeto que dialoga com o suicídio refere-se às suas influências: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (Spinoza, 2017, p. 98).

Verifica-se em Ming-Wau et al. (2020) resultados da pesquisa embasada pela fenomenologia-existencial, que compreende a experiência vivida por pessoas em sua decisão de não mais viver. Os autores são guiados pela filosofia sartriana, cujo enfoque se dá por ser livre e pela liberdade de escolha. Ming-Wau et al. (2020) concebem o comportamento suicida “como fenômeno multifatorial e complexo, envolve fatores psicológicos, culturais, biológicos, genéticos e sociais” (Ming-Wau et al., 2020, p. 1312). Os autores mostram que, para Sartre, “o suicídio é uma escolha do homem como o último ato da sua vida” (Ming-Wau et al., 2020, p.

1313) e o trata como “absurdo”, pois busca a finalização do “projeto de ser”, que é impulsionado por escolhas e ações que dão sentido à vida. A confluência com o ato suicida está no ponto em que a liberdade de escolha produz ambivalência.

Aspectos Psicológicos e Psiquiátricos

É fundamental abordar a depressão, por entender suas estruturas psicológicas, orgânicas e de fatores intervenientes, além de que a literatura científica a identifica como um dos principais sintomas, do ponto de vista psíquico, que se relaciona ao suicídio, especialmente no adolescente. Um dos estudos específicos sobre essa questão é observado em Melo, Siebra e Moreira (2017) que constata aspectos significativos do quadro depressivo em adolescentes e suas consequências. Além da relação da depressão com o suicídio, os autores destacam sintomas predominantes de “humor triste, irritabilidade e ansiedade” que, por implicar em outros transtornos, alerta para quadros de “esquizofrenia e bipolaridade” (Melo, Siebra & Moreira, 2017, p. 22-23). Segundo eles, a experiência depressiva se constitui pelos significados nela envolvidos e como o indivíduo se relaciona com a realidade do mundo. O adolescente, assim sendo, constitui-se “com e no mundo”.

Souza e Moreira (2018) expõem novos elementos sob outros olhares para a depressão. As autoras consideram os aspectos psicológicos, biológicos, culturais, sociais, existenciais, entre outros, que estão relacionados à complexidade deste sintoma. O enfoque fenomenológico, por elas debatido, sustenta a reflexão que associa a depressão ao suicídio. A defesa delas parte da problematização de estudos que enfatizam os fatores externos influenciadores como causas únicas e determinantes aos movimentos de provocar atos voluntários contra a própria vida. Elas entendem o estado depressivo a partir de significados singulares em um processo ambíguo e de relações intersubjetivas (Souza & Moreira, 2018). Desmistificam as ideias baseadas em sentidos comuns em confundir sentimento de tristeza com depressão, como também, o estado depressivo configurado por reação natural diante de alguma situação inusitada ou por uma vida depressiva. Souza e Moreira (2018) esclarecem que a depressão melancólica, que se caracteriza por depressão-doente, por sua gravidade, é uma forte influência para o suicídio.

Pelo viés psicanalítico, a angústia é apresentada por Homem (2020) como um importante afeto humano. Essa ideia é trazida pela busca incessante do ser humano, na atualidade, de anestésiar o que é produzido pela angústia e de tentar evitá-la ou negá-la. A psicanalista se refere à tentativa das pessoas em “derrubar a consciência”, “matar a subjetividade” e reitera “é muito difícil o buraco aqui dentro”. A angústia caracteriza-se por um vazio onde não se encontra nada, como ela diz “um vazio de linguagem”, “um vazio de significação”. Homem (2020) fala da impossibilidade de se livrar do “sofrimento da alma”, deste vazio, que é próprio da natureza humana, “constitutivo do humano”. Nesse sentido, questiona-se a disseminação do abafamento da angústia, na figurabilidade do tapar momentâneo do buraco com o uso de psicotrópicos, no lugar de entrar em contato com ela, uma vez que é mais um afeto. Esse referencial psicanalítico apresentado por Homem (2020) aponta para a importância de se entender a angústia como um afeto intrínseco ao ser humano, além de indicar um processo a ser atravessado pelo sujeito em vida. Nesse sentido, a teoria psicanalítica ressalta o valor da despatologização da angústia, implícita no fenômeno do suicídio.

Pelo enfoque psicopatológico, conforme Botega (2014), os transtornos mentais estão associados ao suicídio. Ele destaca a “depressão, transtorno do humor bipolar e dependência de álcool e de outras drogas psicoativas”. Ele ainda correlaciona outros transtornos, como a “esquizofrenia” e as “características de personalidade”, que agravam o risco. O autor aborda as estratégias e o acesso ao tratamento, e a influência cultural de cada população, como gênero, faixa etária, entre outras variantes. Com relação às estatísticas, o autor aponta que a tentativa de suicídio é superior à consumação do ato e o risco aumenta com a primeira tentativa. Botega (2014) explica: “Uma tentativa de suicídio é o principal fator de risco para sua futura

concretização. Após uma tentativa, estima-se que o risco de suicídio aumente em pelo menos cem vezes em relação aos índices presentes na população geral” (Botega, 2014, p. 233). A indicação, por consequência, é que essas pessoas sejam tratadas logo após o primeiro ato e que por essa estratégia elas possam “re-significar essa vivência” (Botega, 2014, p. 233).

Fragmentos Teóricos da Psicanálise

O recorte bibliográfico de elementos da psicanálise é de fundamental importância para compreender o fenômeno suicida. São referenciais que tratam de mecanismos psíquicos descobertos pela psicanálise de Sigmund Freud e de seus sucessores. Reporta-se à publicação de Freud (2010), de *Além do Princípio do prazer*, 1920, quando ele revisita a teoria das pulsões a fim de entender sonhos e comportamentos repetitivos de natureza traumática, sob a ótica do princípio do prazer. Entretanto, nesse momento, ele questiona a própria teoria: por que repetimos aquilo que é desprazeroso, se somos conduzidos pelo princípio do prazer? A partir disso, Freud chega ao conceito de “compulsão à repetição”, uma tentativa incessante de elaboração do conflito, porém, estando na posição de ativo e não de passivo ao sofrimento. Formula, então, a existência da pulsão de morte, aquela que provoca a compulsão de repetição. Nela, - ao contrário da pulsão de vida, em que o sujeito buscará adaptar-se aos novos estímulos externos, renovando-se e prolongando, portanto, a vida, - o sujeito estará sempre se repetindo, nunca inovando, o que acaba por encurtar o caminho de retorno à inação ao conduzir a pessoa mais rápido ao fim da vida por incapacidade de adaptação aos fatores externos. Ele conclui sua teoria ao reconhecer a versão dualista, isto é, a existência de duas grandes pulsões, sendo uma “de vida” e outra “de morte”. Para Freud (2010), a pulsão de morte, portanto, possui caráter conservador, regressivo e, conseqüentemente, autodestrutivo. Este referencial psicanalítico, numa relação íntima, compreende o ato provocado contra a vida por ter na pulsão de morte a experiência do estado antecipado de não-vivo.

Freud (2010), em *Luto e Melancolia*, indica que esses dois fenômenos psíquicos se mostram similares em aspectos pela maneira como se expressam, pelo estado de ânimo deprimido ou tristeza, mas que se diferem pelo grau patológico. Enquanto o luto, segundo Freud (2010), “é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc” (Freud, 2010, p. 171-172), a melancolia é vista de forma agravante em sintomas, como frisa o autor: “por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima” (Freud, 2010, p. 172). Observa-se que, para Freud (2010), no luto não há perda da autoestima do indivíduo, enquanto na melancolia, além deste fator, há a perda do EU (ou *ego*); desta forma, Freud define a melancolia: “ele sofreu uma perda relativa ao objeto; suas declarações indicam uma perda no próprio EU” (Freud, 2010, p. 178). Ao tratar do “conflito da ambivalência”, o indivíduo é afetado pela dualidade do investimento do objeto amoroso, ou seja, a regressão à identificação voltada para o estágio sádico. Freud aborda a relação entre o “conflito da ambivalência” e o “suicídio”: “Apenas esse sadismo nos resolve o enigma da inclinação ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante - e tão perigosa” (Freud, 2010, p. 185). Segundo ele, trata-se de uma “compreensão enigmática”, em que o indivíduo se volta contra o seu Eu em um processo sadomasoquista, de maus tratos e auto destruição de si mesmo. Infere-se, assim, que o processo autodestrutivo do Eu pode culminar na destruição concreta, isto é, na morte autoprovocada do sujeito

Carvalho (2019, p. 43) reporta-se à concepção de Freud relativa ao suicídio como “um assassinato do objeto mau que o indivíduo acredita ter-se tornado”. Por esta visão, entende-se tal problema pela busca de restauração, que a psicanalista complementa ao apontar as motivações que levam o indivíduo ao suicídio. A hipótese da autora indica que “o suicídio revelaria o seu lado paradoxal, por ser autoconservador” (Carvalho, 2019, p. 43). As reflexões produzidas por ela e pelo referencial fenomenológico-existencial, apontam que no ato contra a

vida há um movimento impulsionado para continuar existindo, bem como o contrário disso, a imagem de não estar vivo, por um processo motivado para livrar-se da dor existencial ou do sofrimento psíquico, pode ser, ao mesmo tempo, criativo e potente, pois, encontraria-se na morte a solução para a vida. As análises de Carvalho (2019) expõem a dor psíquica, a criatividade, o suicídio e o conflito desta interrelação. Ela traduz essas compreensões ao presentear com a expressão poética de Antonin Artaud (poeta francês – 1896-1948): “Se me mato, não é para me destruir, mas para me reconstituir” (Carvalho, 2019, p. 47).

Fatores Socioculturais e Comportamentais

Conforme as Políticas de Saúde Pública, a Secretaria de Vigilância em Saúde (2019) realiza uma pesquisa publicada no Boletim Epidemiológico 15 sobre a intoxicação exógena, identificada como principal método usado por pessoas que tentam o suicídio, bem como consomem o ato. O estudo conceitua a tentativa de suicídio por referir “a qualquer comportamento suicida não fatal, como intoxicação autoprovocada, lesão ou dano autoprovocado intencionalmente” (Secretaria de Vigilância em Saúde, 2019, p. 1). Outros estudos buscam compreender o comportamento suicida em populações específicas e constata tal ato em diversos contextos. Sol et al. (2022) apresentaram dados referentes à prevalência deste comportamento em estudantes de medicina “ao longo da vida”, por variáveis de “ideação suicida, plano e tentativas”. As prevalências encontradas foram de 27,7% para ideação, 12,5% para plano e 5,7% para tentativa. Já para os últimos 12 meses foram identificadas prevalências de 18,9% para ideação, 6,1% para plano e 1,7% para tentativa. (Sol et al., 2022, p. 4). A pesquisa constatou transtornos mentais em 50% dos casos, sendo a depressão maior em 59,4%, e fatores associados ao uso abusivo de álcool e outras drogas e estresse por excesso de trabalhos acadêmicos.

Simões et al. (2022) observam fatores relacionados ao ato suicida baseados no discurso de adolescentes que o praticaram. O estudo foi realizado em uma amostra de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Nesse contexto, notaram-se motivos desencadeadores, como as mudanças no ciclo de vida em uma fase que o desenvolvimento biopsicossocial produz uma nova relação com a vida e nos processos de socialização e formação de identidade. Os autores destacam o posicionamento deste público em se colocar em situações de risco, inclusive localizadas no contexto social vulnerável à violência. Comprovou-se que ele interage com fatores internos como ansiedade, angústia, depressão, conflitos pessoais e familiares, autoestima e autoimagem insatisfatórias. Identificou-se vivências complicadas na infância e adolescência caracterizadas por perdas importantes, abuso sexual e violências física e psicológica. Reconhece-se que os fatores internos e externos ao indivíduo e os de cunho sociocultural convergem em um processo inter-relacional.

Na direção de que os fatores determinam ou influenciam a tentativa de suicídio, Barbosa et al. (2022) os apresentam a partir de doenças não transmissíveis como a depressão que se associa ao ato suicida em adolescentes. O estudo destaca a vulnerabilidade social, a obesidade associada à alimentação não saudável, o uso de álcool, tabaco, drogas e inatividade física. Consideram os determinantes sociais da pobreza como atuantes nos quadros de depressão, relacionando-os às outras doenças não transmissíveis e à obesidade. Conclui-se, com base em Barbosa et al. (2022), que a depressão é um “fator de risco” que está intimamente associado ao suicídio e que a atividade física é um “fator de proteção” importante, pois aumenta a neurogênese e o valor hipocampal, entre outros benefícios ao organismo, enquanto a inatividade física tenha sido associada à depressão e ao risco de suicídio.

Discussão e Conclusão

A integração das múltiplas concepções teóricas relacionadas ao suicídio - fenomenologia, psicologia, psicanálise, psiquiatria, sociologia, filosofia – somam-se para ampliar a compreensão desse fenômeno. Os aspectos psicológicos, existenciais e socioculturais predominam nos apontamentos ressaltados pelos autores. Logo, discute-se a possibilidade de inter-relacionar essas abordagens e encontrar elementos que compreendem o que leva uma pessoa a produzir um ato que a leva à morte. Conclui-se que a elucidação de significados do sentido de estar vivo, do dado de realidade da morte e da representação simbólica ou imaginativa, ressignifica a própria vida, a morte e o próprio ato. Por esse caminho reflexivo, apresenta-se pontos teórico-práticos relevantes que se complementam e às vezes divergem, mas, ainda assim, corroboram a visão ampliada e complexa do fenômeno.

Por meio da fenomenologia, os problemas são resolvidos ao analisar tudo em si mesmo, como refere Husserl (1989) ao “método de análise de essências na esfera da evidência imediata” (Husserl, 1989, p. 34-35). Essa elaboração dialoga com o intuito deste estudo por observar e analisar o suicídio a partir da clareza que o indivíduo que pratica tal ato tem nesta vivência. De acordo com Heidegger, o entendimento se dá a partir de significados e sentidos na integração e elucidação dos fenômenos morte e suicídio. Explica-se, segundo ele, o fenômeno de “poder-ser-todo”, ou melhor, a totalidade de sentidos e significados da vida e da morte. Implica-se o sentido de “fim”, a compreensão ontológica de “ser-para-o-fim”, expressado por ele: “um conceito existencial da morte” como fenômeno da vida. Relaciona-se à morte, o “fenômeno de cura”, cujo significado é o movimento de refletir e ter consciência sobre a própria existência e de estar no mundo, sendo “a consciência como apelo da cura” (Heidegger, 2009, p. 353), quer dizer, o movimento incessante de busca de consciência do sentido de existir, que se revela paradoxalmente no suicídio. Na tentativa de suicídio há a busca da vida pelo imaginário representativo da morte.

Os autores contemporâneos de base fenomenológica apresentam elementos que fundamentam a compreensão do ato autoprovocado contra a vida. Feijoo e Mattar (2014) o caracteriza por intencionalidade, elas entendem como um processo de transcendência de si mesma, ou melhor, as manifestações subjetivas representadas no suicídio acontecem por meio de ato consciente, sendo que a consciência dele pode ressignificá-lo. Dutra (2011) resgata sob tais proposições a intenção de morte como a última possibilidade existencial e assinala a representação daquilo que é mais concreto que o ser humano pode contar. Na clínica psicológica, Fukumitsu (2019) o trata pela motivação intencional, cuja mensagem existencial se dá pela representação simbólica da morte. Sua prática terapêutica é marcada pela expressão integral dos sentimentos: “liberação da dor represada” (Fukumitsu, 2018, p. 219), cujo efeito paradoxal deste processo ocorre pelo contato direto dos elementos psicológicos, possibilitando a construção de novos significados. Rehfeld (2021) aborda o espectro suicida pela perspectiva do sentido existencial e ontológico da vida, da morte e do “ser-no-mundo”, que se reconhece paradoxalmente pelo sentido da vida e da morte. Para ele, o sentido existencial é dado pela consciência da finitude. Ainda na clínica psicológica, Feijoo (2018) propõe a análise fenomenológica, por investigações de fenômenos presentes na existência humana, entendendo o suicídio um fenômeno antinatural. Ela o analisa pelo método da “redução fenomenológica”, que a *priori* suspende as concepções psicopatológicas, judiciais ou cristãs e abre espaço para se estar no fenômeno sem preconceitos, mas em contato com a experiência sob a ótica da produção de uma nova relação, de estar na essência dessa vivência.

O enfoque do fenômeno suicida baseado na ciência social, Durkheim (2019) o analisa por determinações sociais, caracterizando-o um sintoma social. Foi, contudo, por enxergar as diversas constituições de sociedades que ele encontra na “natureza das próprias sociedades as causas da disposição que cada uma delas tem para o suicídio” (Durkheim, 2019, p. 383). O ataque que ele faz às constituições de sociedades - política, educacional, religiosa, Estado, família e trabalhadora – acusa a direção oposta de “uma força moral capaz de constituir a lei

para os homens; mas ainda assim é preciso que ela esteja suficientemente envolvida com as coisas deste mundo para poder estimar seu verdadeiro valor” (Durkheim, 2019, p. 502). Conclui-se, segundo Durkheim (2019), o enfrentamento deste problema pela restauração da sociedade, desgastada e superada, como revelada na história da humanidade. Ele propõe a busca por “germes de vida nova”, que tanto está em algum lugar da história, quanto é o processo a ser desenvolvido. Se se entende que germe contamina, então, que germes são esses da sociedade que devem contaminar a própria sociedade?

A compreensão do suicídio tem no estudo de Ribeiro e Moreira (2018) a ótica de um fenômeno social, que “esvazia a individualidade como causa”. Os autores supracitados se apresentam em defesa das concepções de Durkheim em que cada sociedade tem “uma disposição definida para o suicídio”, sendo ele consequência da pressão social exercida nos indivíduos. Minayo, Figueiredo e Mangas (2019) retratam o suicídio, a tentativa e a ideação por determinantes psicossociais e ambientais, compreendendo-os por uma “força coletiva” e específica de cada população.

Conclui-se que as convicções de Durkheim e autores contemporâneos contribuem essencialmente nas reflexões sobre a ideia paradoxal do suicídio em relação ao sentido existencial humano, pois, se as causas sociais determinam o suicídio, o contraponto pode estar na ideia de que se não houvessem essas causas ele não aconteceria. No entanto, acredita-se que sempre haverá causas sociais por ser o homem um ser social, logo, essa dinâmica intrínseca sempre existirá. Por outro lado, o sentido de existir pode depender ou não dessas causas, pelo próprio sentido da existência, ou seja, da escolha por existir, dependente ou independente de fatores influenciadores, satisfatórios ou insatisfatórios. O fato é que o tempo de vida do indivíduo é o que ele tem para encontrar o sentido de estar vivo, que, inclusive, poderá tentar ou mesmo interromper sua trajetória.

As concepções originárias da filosofia que dialogam com a temática do suicídio seguiram referenciais de Spinoza (2017), o qual concebe a ideia do ser livre e autônomo. O filósofo trata da autonomia e liberdade de pensamento que uma pessoa produz para dar fim à sua vida. Este enfoque confere o pensamento como um processo mental de constituição própria e o reconhecimento pelo intelecto da essência dessa produção psíquica. Caracteriza o poder de autonomia do indivíduo, possibilitando-o ao ato autônomo reproduzido na tentativa de suicídio. Por meio da compreensão spinoziana relacionada ao que afeta o corpo ou o significado da potência dos afetos significativos, este estudo serve-se dessa concepção ao reportar-se da potência de agir contra ou a favor de estar vivo ou do imaginário de estar morto, por reconhecer na própria ambivalência, a produção de aumento ou diminuição da potência daquilo que pode ser visto no ato suicida.

O fundamento filosófico baseado em Sartre, é resgatado por Ming-Wau et al. (2020) para compreender a experiência vivida por pessoas em sua decisão de tentar contra a própria vida. O indivíduo é visto pelo referencial sartriano em ser livre e por ter liberdade de escolha. Respaldados em Sartre, os autores expressam tais pensamentos para compreender o suicídio como escolha de um ato como sendo o último da vida, no entanto, o reconhece como “absurdo”, pois, interrompe o “projeto de ser”, pelo qual o indivíduo desenvolve ações que dão sentidos à vida. Os autores concluem que a liberdade existencial tem a decisão como aliada ao ato de tentar contra a própria vida. Essa formulação converge com a ideia paradoxal que se evidencia no ato por estar implícito o desejo de morrer, e também, o de viver. Deduz-se que a liberdade de escolha produz ambivalência, atração e desejo pela morte/vida.

Os aspectos psicológicos e psiquiátricos relacionados ao suicídio se constituem por sintomas, como depressão e angústia. Eles são sinais relevantes de serem abordadas por suas características psicológicas, orgânicas e de fatores constituintes, pois a literatura científica os identifica como indispensáveis, do ponto de vista psíquico, para compreender o suicídio. Observa-se em Melo, Siebra e Moreira (2017) aspectos significativos do quadro depressivo em

adolescentes e subsequentes consequências. Souza e Moreira (2018) expõem novos elementos sob outros olhares para a depressão e a relação com o suicídio. As autoras consideram os aspectos psicológicos, biológicos, culturais, sociais, existenciais entre outros, porém, o enfoque fenomenológico por elas debatido se sustenta para esclarecer o estado depressivo. Elas entendem o sintoma depressivo a partir de significados singulares em um processo ambíguo e de relações intersubjetivas, no entanto, constataam a “depressão melancólica”, que se caracteriza por “depressão-doente”, o fator pelo qual o suicídio está implicado.

A angústia, presente na literatura psicanalítica e na fala de pacientes que tentaram contra a vida, é apresentada pela psicanalista Homem (2020) ao considerar a importância deste afeto ao ser humano. Segundo ela, a ideia é trazida pela busca incessante da população, na atualidade, de anestesiá-la o que é produzido pela angústia ao tentar evitá-la ou negá-la. Homem (2020) fala da impossibilidade de se livrar do “sofrimento da alma”, deste vazio que é próprio da natureza humana, pois, é “constitutivo do humano”. Conclui-se, com base nas teorias apresentadas, que há divergência entre os entendimentos acerca da angústia, pois pode ser interpretada como fator desencadeador do ato suicida e como afeto potente para o desenvolvimento psíquico humano.

A divergência de princípios ocorre também pelo enfoque psicopatológico, conforme Botega (2014), em que os transtornos psíquicos estão associados ao suicídio. Ele ressalta a “depressão, transtorno do humor bipolar e dependência de álcool e outras drogas psicoativas” e aponta a “esquizofrenia” e “características de personalidade”, que agravam o risco de suicídio quando se correlacionam. No entanto, os aspectos subjetivos implícitos nessas doenças e transtornos psicológicos são debatidos por autores que os entendem por outros referenciais, a exemplo de sintomas psicológicos, que inclusive podem mostrar ao indivíduo elementos e conflitos, quando tratados no contexto psicoterápico, que entretanto, estimulam o desenvolvimento psicológico e existencial humano.

Freud encontra nas pulsões, o reconhecimento da versão dualista, isto é, a existência de duas grandes pulsões, de vida e de morte. Para o fundador da psicanálise, a pulsão de morte possui caráter conservador, regressivo e, conseqüentemente, autodestrutivo. Ela busca restaurar a condição inanimada do ser que, após a experiência da vida, só se obtém com a experiência da morte. Em contrapartida, a pulsão de vida impulsiona o organismo a assimilar o que é novo e adaptar-se aos estímulos externos, prolongando a vida ao renovar-se constantemente, criando e recriando ligações e vínculos com o externo. O referencial psicanalítico das pulsões dialoga essencialmente com o objeto deste estudo, por ter na pulsão de morte a experiência de se fazer um caminho regressivo do estado antecipado de se estar não-vivo e que se relaciona com o que, aparentemente, espera-se obter com o ato provocado contra a vida. Freud (2010) aborda a relação entre o “conflito da ambivalência” e o “suicídio”: “Apenas esse sadismo nos resolve o enigma da inclinação ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante – e tão perigosa” (Freud, 2010, p. 185). Em concordância com Freud (2010), o indivíduo se volta contra o seu Eu em um processo sadomasoquista, de maus tratos e auto destruição de si mesmo. Infere-se que o processo autodestrutivo do Eu pode culminar na destruição concreta, isto é, no suicídio. De modo semelhante, Carvalho (2019) reporta-se à concepção de Freud sobre o suicídio como “um assassinato do objeto mau que o indivíduo acredita ter-se tornado”. A autora incrementa a ideia paradoxal do suicídio: “o suicídio revelaria o seu lado paradoxal, por ser autoconservador” (Carvalho, 2019, p. 43).

Através do olhar que focaliza o caráter paradoxal do suicídio, concebe-se que, enquanto o indivíduo tenta se matar, ele pode reconhecer o Eu, mesmo estando em processo de autodestruição, pois, ali ainda existe a ambivalência do sentimento de estar vivo, e mais, por ainda estar vivo. Neste contexto, agravado pelos fatores intervenientes, para além do sofrimento, há a possibilidade de reconhecer alguma potência. Por refletir, Freud (2010) questiona como pode ocorrer a destruição do Eu se a “vida pulsional”, melhor entendida pela

“pulsão de vida e de morte”, é carregada de “amor do Eu a si próprio”, embora ameaçado pela angústia. Entende-se que o indivíduo ao fazer contato com o vazio, sentido no instante que tentou destruir o Eu, reconhece que o afeto insuportável que ele deveria matar era esse vazio ou essa dor, e não o Eu. Neste ponto complexo, conflitante e sofrido do indivíduo, é o momento em que o terapeuta tem a função de ajudá-lo discernir o que é o Eu, que merece estar íntegro ou preservado, e o que está representado no conflito autodestrutivo, isto é, o que ele deve elaborar a fim de não lhe trazer mais sofrimento. Desta forma, o processo psicoterapêutico possibilita, tanto a elaboração ou reconstituição do Eu quanto dos conflitos.

Os fatores socioculturais se destacam nas Políticas de Saúde Pública para compreender e solucionar os problemas relacionados ao suicídio. As pesquisas buscam identificar esse problema em populações específicas e adolescentes. Na atualidade, os pesquisadores associam diversos fatores, internos e externos, que se relacionam a esse espectro, como: transtornos mentais; depressão maior; uso abusivo de álcool, tabaco e outras drogas; estresse; mudanças no ciclo de vida, socialização e formação de identidade no adolescente e por se colocarem em situação de risco nos contextos vulneráveis à violência; ansiedade; angústia; depressão; conflitos pessoais e familiares; autoestima e autoimagem insatisfatórias; obesidade e inatividade física, além de determinantes sociais da pobreza. A ênfase está na dialética dos fatores socioculturais, em um processo inter-relacional produtores de sentimentos, atitudes e relações, que podem culminar nos atos contra a própria vida. Os autores sugerem a compreensão sistêmica, uma vez que os papéis de diversos segmentos da sociedade, como família, religião, drogas, etc. desempenham funções de influência no ato suicida. Mediante tamanhos conflitos concomitantes, tais como a concepção sistêmica propõe observar, a relação dos jovens em suas vivências em sociedade que, por sua vez, não os acolhe e não oferece meios qualificados frente à vida.

A escassez de pesquisas de fundamentos fenomenológicos é uma limitação que este estudo encontrou, pois, a ênfase que se buscou foi a compreensão do fenômeno suicida pela perspectiva fenomenológica-existencial e paradoxal. Por outro lado, as diversas teorias apresentadas se somaram e contribuíram para ampliar a compreensão do fenômeno, mas, ainda sem esgotar o entendimento integral do problema, por ele ser complexo e multifatorial, além de se constituir de elementos de extrema subjetividade e singularidade na interface com os inúmeros fatores.

Referências

- Advocacia-Geral da União. (2019). Setembro Amarelo: AGU adere à campanha de prevenção e combate ao suicídio. <https://jmonline.com.br/geral/agu-adere-a-campanha-de-prevenc-o-e-combate-ao-suicidio-1.70577>
- Barbosa, J. M. A., Ribeiro, C. C. C., Batista, R. F. L., Brondani, M. A., Simões, V. M. F., Bettil, H., Barbieri, M. A. & Coelho, S. J. D. D. de A. C. (2022). Behavioral risk factors for noncommunicable diseases associated with depression and suicide risk in adolescence. *Cadernos de Saúde Pública*, 38(2). <https://scielosp.org/article/csp/2022.v38n2/e00055621/>
- Botega, N. J. (2014). Comportamento suicida: *Epidemiologia. Psicologia USP*, 25(3), 231-236. <https://www.scielo.br/j/pusp/a/HBQQM7PGMRLfr76XRGVYnFp/?lang=pt>
- Carvalho, A. C. (2019). O tabu do suicídio: Destruir para recompor. *Revista Cult*, 22(250).
- Durkheim, É. (2019). *O suicídio*. Martins Fontes.

- Dutra, E. (2011). Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: Algumas considerações. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(2), 152-157. <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735515006.pdf>
- Feijoo, A. M. L. C. de. (2019). Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(1), 158-173. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000100012
- Feijoo, A. M. L. C. de. (2018). Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(2), 173-181. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6501855>
- Feijoo, A. M. L. C. de. & Mattar, C. M.. (2014). A Fenomenologia como Método de Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(4), 441-447. <https://l1nq.com/aG95U>
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer (1920), História de uma neurose infantil, (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Companhia das Letras, p. 161-239.
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Companhia das Letras, p. 170-194.
- Fukumitsu, K. O. (2014). O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. *Psicologia USP*, 25(3), 270-275. <https://l1nq.com/4oeQo>
- Fukumitsu, K. O. (Coord.). (2018). Suicídio, luto e posvenção. Morte, vida e luto: atualidades brasileiras. (pp. 216-231). Summus.
- Fukumitsu, K. O. (2019). Suicídio e Gestalt-terapia. Lobo.
- Gonçalves, S. P., Gonçalves, J. P. & Marques, C. G. (Coords.). (2021). Manual de Investigação Qualitativa: Conceção, Análise e Aplicações. Ed. Pactor.
- Heidegger, M. (2009). Ser e Tempo. Vozes.
- Homem, M. (2020). A importância da angústia [vídeo]. Casa do Saber. <https://www.youtube.com/watch?v=15iK1WK48sc>
- Husserl, E. (1989). A ideia da fenomenologia. Lisboa: Edições 70.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2022). São Paulo/Diadema. População, Território e Ambiente. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/diadema/panorama>
- Melo, A. K., Siebra, A. J. & Moreira, V. (2017). Depressão em Adolescentes: Revisão da Literatura e o Lugar da Pesquisa Fenomenológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 18-34. <https://doi.org/10.1590/1982-37030001712014>
- Minayo, M. C. de S., Figueiredo, A. E. B. & Mangas, R. M. do N. (2019). Estudo das publicações científicas (2002-2017) sobre ideação suicida, tentativas de suicídio e autonegligência de idosos internados em Instituições de Longa Permanência. Departamento de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli, Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz. <https://www.scielo.org/pdf/csc/2019.v24n4/1393-1404/pt>
- Ming-Wau, C., Boris, G. D. J. B., Melo, A. K. & Silva, R. M. da. (2020). A Decisão de Tentar o Suicídio sob a Lente Fenomenológico-existencial Sartriana. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20, 1310-1330. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v20nspe/v20nspea17.pdf>
- Ministério da Saúde. (2019). Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico: Suicídio: tentativas e óbitos por intoxicação exógena no Brasil, 2007 a 2016. v. 50, n.15. [researchgate.net/publication/334524337](https://www.researchgate.net/publication/334524337)
- Ministério da Saúde. (2006, 14 de agosto). Portaria nº 1876 de 14 de agosto de 2006. Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio. http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt1876_14_08_2006.html

- Peres, S. P. (2017). Psicologia eidética e teoria do conhecimento nas Investigações lógicas de Husserl. *Psicologia USP*, 28(1), 118-124.
<https://www.scielo.br/j/pusp/a/64rSvKN7rSnKJbM5fZPYyGQ/?lang=pt>
- Ribeiro, J. M. & Moreira, M. R. (2018). Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(9), 2821-2834.
<https://www.scielo.br/pdf/csc/v23n9/1413-8123-csc-23-09-2821.pdf>
- Rocha, M. A. S. da., Boris, G. D. J. B. & Moreira, V. (2012). A Experiência Suicida numa Perspectiva Humanista-Fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(1), 69-78.
<https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735516010.pdf>
- Simões, É. V., Oliveira, A. M. N. de., Pinho, L. B. de., Lourenção, L. G., Oliveira, S. M. de. & Farias, F. L. R. de. (2022). Motivos atribuídos às tentativas de suicídio: percepção dos adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 75(3).
<https://www.scielo.br/j/reben/a/JM3CVyRkM3MPGmZMzFJ96cH/?lang=pt>
- Sol, É. G. L., Campor Junior, A., Abelha, L., Lovise, G. M. & Brasil, M. A. A. (2022). Avaliação do comportamento suicida em estudantes de Medicina. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*.
<https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/twpqqfPGWH5rsnMLFTPw5tx/abstract/?format=html&lang=en>
- Souza, C. & Moreira, V. (2018). Tristeza, depressão e suicídio melancólico: a relação com o Outro. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70 (2), 173-185.
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-980512>
- Spinoza, B. (2017). *Ética. Autêntica*.